

Acritica
23/3/97 A8

Amazônia de Carlos Chagas está pior 48 anos depois

A expedição que percorreu o caminho feito por Carlos Chagas evidencia as mazelas

Ana Célia Ossame

Oitenta e quatro anos depois que o cientista Carlos Chagas percorreu os rios Branco e Negro e encontrou uma Amazônia doente, explorada e ignorada pelas elites urbanas, a situação está muito pior. Há mais doenças além daquelas já registradas, só que agravadas pela fome e quase nenhum acompanhamento de ações de saúde pública capazes de melhorar o quadro, à exemplo do que já acontecia àquela época.

Esta é a principal conclusão da expedição "Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas", refazendo o percurso do cientista. A iniciativa reuniu médicos, entomologistas, historiadores, antropólogos, jornalistas, fotógrafo e uma agrônoma, num total de 18 pessoas vindas de Manaus, Belém e Rio de Janeiro, numa viagem pelos rios Negro e Branco, nos mesmos locais visitados por Carlos Chagas em 1913.

Carlos Chagas, médico, pesquisador, reconhecido internacionalmente por ter descrito, em 1909, o ciclo evolutivo da Doença de Chagas, registrou as tragédias da saúde da população realizando um trabalho que fazia parte do processo de interiorização das ações de saúde pública desenvolvidas no início do século, com a participação do Instituto Oswaldo Cruz.

Deformidades - Os primeiros registros da expedição são adultos e crianças com os órgãos internos e externos afetados. Nas fotos do início do século, aparecem homens e crianças com baços volumosos e ou-



Fotos: Reprodução

Na viagem de Carlos Chagas (ao centro), uma Amazônia doente

tros com feridas nas cabeças, pernas e braços. A forma crônica da malária, também conhecida como impaludismo, provocava a alteração do baço. Em 1913 já declinava o período fausto da economia da borracha que enriquecia os proprietários de seringais, mas obrigava os serin-

gueiros a viverem nas matas a maior parte do ano, alheios aos acontecimentos sociais.

No Rio Negro, a malária e a ancilostomose eram endêmicas. A região era empobrecida e habitada por um "gentio indolente e sem ambição", segundo descreveu Oswaldo

Cruz, que em 1910 visitou as obras de construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, onde deixou um plano de profilaxia para malária, cujo mosquito foi batizado por ele de "duende da Amazônia".

No Rio Branco, a malária assumia formas crônicas. Era uma paisagem desoladora da região abandonada e doente, que também foi detectada por homens como Euclides da Cunha e Cândido Rondon em visitas a esta região.

O médico e cientista percorreu durante cinco meses cidades, vilas e seringais, destinando atenção especial para as grandes endemias tropicais. Realizava exames de laboratório na população, na fauna, recolhendo plantas e insetos, buscando melhorar as condições de saúde dos seringueiros. Nas calhas dos rios Juruá, Purus e Acre, Negro e Branco viu uma situação muito crítica, agravada pela ausência de qualquer assistência médica, o que tornava os índices de mortalidade elevados. Além da malária, a ancilostomose era endêmica no rio Negro. Chagas não encontrou uma farmácia sequer, embora fosse grande o comércio de drogas e o número de curandeiros.

A expedição não enxergou só tragédias no país chamado Amazônia. Chagas e sua equipe pensaram que transformariam o lugar num paraíso. Havia condições para a prosperidade e mudanças das populações das calhas dos rios, apostava o médico. Bastava uma ação firme e decidida do governo levando médicos e remédios.



Em São Gabriel da Cachoeira, participantes da expedição de 1995



Os pequenos ianomâmis reunidos na aldeia de Maturacá

Realidade hoje é dramática

O sonho de Carlos Chagas de ver prosperidade e saúde na Amazônia perdeu-se na imensidão dos rios Negro e Branco. As mesmas doenças continuam assolando as populações destes locais, mas há motivos para alarme. Além da malária, verminoses, doenças respiratórias agudas, as entéricas e as infecciosas, há outras como hipertensão, doenças cardíaco-vasculares, obesidade, dependência química e os acidentes de trabalho.

Não há mais as palavras ou imagens fotográficas desfocadas no livro "Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da borracha à biodiversidade", com textos de Fernando Dumas, Eduardo Thielen e a crônica da viagem por Alexandre Medeiros. As fotografias são de Rogério Reis e Flávio de Souza. As imagens falam por si. A realidade é dramática e contrastante. As doenças se alastram, seguindo o rastro da pobreza e do abandono. "As pistas deixadas pela memória da expedição de 1912/13 foram perseguidas e o resultado do encontro com a Amazônia de Carlos Chagas, 82 anos depois, encontra-se na publicação", dizem os expedicionários que, em 1995, seguiram com um grupo multidisciplinar de diversas instituições (Fiocruz, IMT-Am, FUA, Inpa, Museu Goeldi) de volta aos rios Negro e Branco.

Eles buscaram lugares semelhantes àqueles retratados na expedição e prestavam atendimento médico de emergência. Não tinha como evitar isso pela carência de profissionais e medicamentos.

O primeiro trajeto de Chagas foi feito em 1991, por seis profissionais da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), quando foi constatada a alta incidência das principais doenças

notificadas pelo cientista.

Ianomamis - As endemias não são "privilégio" dos brancos. As populações indígenas como os ianomamis, enxotadas das suas tribos pela convivência forçada com os brancos, também sofrem com o grande número de casos de malária, além da tuberculose e da oncocercose, esta provocada por um verme que causa lesões cerebrais e cegueira. O encontro com a cultura branca não representa os benefícios da urbanidade que justificavam a aculturação. Pelo contrário, varre as suas esperanças para debaixo da mesa.

No rio Branco, as comunidades ribeirinhas se transferiram para as margens da BR-174, enquanto as populações do interior agrupam-se nas periferias das cidades-sedes, criando problemas sociais devido à falta de infra-estrutura. Embora existam hospitais, a falta de profissionais compromete o atendimento.

Entre as cidades visitadas pelos expedicionários está São Gabriel da Cachoeira. Ali, Chagas teve contato basicamente com os índios, seringueiros e comerciantes. A população é bem diferente hoje. Militares, garimpeiros, padres e pastores evangélicos, profissionais liberais, prefeitos, vereadores, delegados, alunos, médicos e pacientes. O diagnóstico, fruto do "olhar no tempo" é de "um município que avança rapidamente junto à floresta, acumulando mazelas urbanas e expandindo os limites da malária, identificada por Chagas há 84 anos". No município, cuja população é de 35 mil pessoas, sendo 85% de origem indígena, falta infra-estrutura urbana e serviços básicos como água e rede de esgotos. As aldeias ianomamis de Maturacá e Ariabu revelam que a presença de garimpeiros na região leva aos índios doenças e morte. Os garimpeiros estão no Pico da Neblina sem ser muito incomodados, mas incomodando fortemente a vida dos índios. Na ilha de Massarabi, habitada inicialmente por 61 índios barés, expulsos do local pelos ianomamis, uma foto feita pelos membros da expedição reúne os descendentes desta tribo, repetindo a pose feita para Carlos Chagas em 1913. Neste local não há perspectiva de emprego para os jovens que formam gangues repetindo o estilo das galerias da capital amazonense. Em Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos e outras localidades visitadas dos rios a percepção não é equivocada. "Eles são fontes de alimentos e doenças, espaços de lazer e sobrevivência", diz a narrativa. Há dezenas de depoimentos dos moradores, suas experiências de vida, seu trabalho, sua resistência marcada, muitas vezes, nas expressões e traços em rostos indígenas que retratam sofrimento e resignação. São sinais que acompanham os descendentes dos povos que eram senhores dos rios.

Um sentimento de tristeza e esperança invade o coração dos viajantes no final da expedição. Eles têm motivos para isso. Lembram o relatório de Carlos Chagas, que disse ter tido no rio Negro a impressão de anquilamento, de um fim da raça humana. Mas alinhavam um fio de esperança no tecido da floresta amazônica com o depoimento de um agricultor, Augusto Firminô Torres. Para ele, que sem saber repete o mesmo ideal de Carlos Chagas, a Amazônia tem uma cidade a ser construída, o futuro. E este não pode mais continuar afogado nas águas do esquecimento e da desistência.